

O USO DO DIÁRIO EM PESQUISA QUALITATIVA

Josênia Antunes Vieira

Abstract

The aim of this paper is to discuss the role of the diary as an instrument of data collection in qualitative research. The daily writing of notes and comments allows the researcher to recover with precision past events in the discursive process which would otherwise go unnoticed. In addition, the diary shows new aspects to be observed leading to reflexivity and to a redefinition of the focus of qualitative analyses. We propose to examine the diary as a specific genre.

Key words: Diary, qualitative research, genre, discursive process.

1. INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste artigo é colocar em discussão o papel do diário como recurso para a recolha de informações para pesquisas qualitativas. Desejo discutir com os pesquisadores a relevância do gênero – diário –, para a compreensão de determinados eventos discursivos que entram na construção do conhecimento. A escrita diária de anotações e de comentários críticos permite ao(à) pesquisador(a) recuperar com precisão acontecimentos passados ao longo do processo discursivo que, de outro modo, passariam despercebidos. Assim, a leitura dos diários enseja novos aspectos a serem observados e, ao mesmo tempo, conduz ao reajustamento do foco de análises qualitativas. Com o diário, ficam visíveis pontos investigados que carecem de maior esclarecimento ou de aprofundamento. Para que seja efetivamente compreendido o papel do diário em pesquisas qualitativas, examinaremos o diário como um gênero discursivo específico.

2. O DIÁRIO COMO GÊNERO DISCURSIVO

Antes de mais nada, carece apresentarmos os aspectos significativos do gênero diário. Conforme Benveniste (1966), o diário é considerado um discurso genuíno. Barthes (1979) trata o diário como um tipo de fala escrita. Na produção do diário, existe um sujeito que se manifesta cotidianamente. Escreve para si próprio. Os propósitos, nem sempre muito claros, podem variar infinitamente em concordância com o contexto ou com a situação. O mais revelador na produção do diário é que o jogo de máscaras, assumido pelo sujeito em outros gêneros, revela-se por inteiro no diário. No discurso diarista, não está em jogo o falso ou o verdadeiro, mas, sobretudo, a sinceridade.

O(a) autor(a) do diário usa-o freqüentemente para avaliar ou comentar acontecimentos em que o seu ponto de vista predomina. É um discurso privado. Em razão disso, permite liberdade total ao(à) diarista que, gradualmente, vai se construindo como sujeito único. Ao mesmo tempo, se descompromissa de remeter os eventos discursivos de sua autoria para um ouvinte qualquer. O discurso, entretanto, é remetido a um eu dialógico que permite o desnudamento da mente, da vontade e dos sentimentos do sujeito, tornando essa prática discursiva, por sua natureza, extremamente reveladora.

Existem diários que não se voltam para o eu produtor, mas para o outro. Nesses casos, o futuro leitor é o centro. Enquadram-se aqui os diários que relatam viagens ou registram informações sobre documentos e relatos de pessoas. Também se alinham nesses casos os diários de escritores que, do registro diário de impressões e de fatos, produzem a escrita de romances, de contos e de novelas ambientados e contextualizados nas narrativas abrigadas nos diários. Notáveis escritores como Flaubert, André Gide, Valéry, entre outros, usaram o diário como instrumento precioso de trabalho.

O discurso diarista, embora contribua mais diretamente para a revelação das múltiplas facetas do sujeito, muito freqüentemente o encobre com enunciações em terceira pessoa. O diário é uma espécie de carta dirigida ao(à) produtor(a) do discurso. Nessa modalidade, o tom é o conversacional, o dialógico, dirigido a si mesmo que se torna, nesse momento, autor(a), enunciador(a), interlocutor(a) e leitor(a). O(a) autor(a)

no diário não se compromete com o produto final de sua produção. O texto de um diário não recebe o tratamento comum às demais produções textuais. As constantes edições e reedições de um texto não são partilhadas pela escrita diarista. A ausência de requinte formal no acabamento do texto é uma das características da escrita diarista. Machado (1998) chama a esse tipo de interlocução de discurso da subjetividade, dadas as características de ruptura e de fragmentação do discurso.

O descompasso entre realidade social e realidade individual fortaleceu a escrita diarista como manifestação intimista de reconstrução do eu discursivo. A visão histórica do diário desenvolveu-se em virtude dos conflitos de identidade dos sujeitos do discurso dessa época. Esse gênero tem se expandido, em larga medida, em decorrência das necessidades emocionais da humanidade. A escrita do diário recompõe o ser humano, permitindo-lhe novamente a unidade perdida no jogo de máscaras da sociedade contemporânea. A seguir, será examinado o papel do diário em pesquisas qualitativas, antes, porém, focalizarei brevemente as metodologias quantitativas e qualitativas em pesquisa.

3. METODOLOGIAS QUANTITATIVAS E QUALITATIVAS EM PESQUISA

Desejo considerar, neste momento, os aspectos metodológicos da pesquisa lingüística. As metodologias quantitativas, de cunho positivista, cederam lugar às metodologias denominadas qualitativas. As metodologias quantitativas, em qualquer investigação, exaltavam o *corpus*. Nessa concepção, os instrumentos de coleta de dados eram determinados *a priori* ao desenvolvimento da pesquisa. Os pesquisadores atinham-se rigidamente a eles. Mesmo quando a pesquisa apontava outras possibilidades para a coleta de dados, não incorporava outros procedimentos para a recolha de informações. A metodologia não permitia. Adotava comportamento altamente restritivo. Prendia-se aos quantificadores e ao objeto quantificado. Some-se a tudo isso o excesso de descritivismo, aliado ao reduzido poder interpretativo das questões lingüísticas, sobretudo quando o estudo se destinava ao estudo de aspectos interacionais e sociais da linguagem.

Com o advento de pesquisas intituladas qualitativas, mudanças significativas ocorreram. A mais relevante delas seria a de considerar o objeto investigado por vários ângulos. O(a) investigador(a), ao colher informações por meio de diferentes fontes e instrumentos, passou a contemplar o objeto pesquisado de modo integral e unitário. A informação global substituiu a visão parcial do objeto investigado. Em virtude dessa nova abordagem, foi recuperada não apenas a visão integral do objeto de pesquisa como também o processo de construção do conhecimento.

Agregada às novas concepções, conforme Cameron *et al.* (1992) e Thomas (1993), a pesquisa qualitativa trouxe diferentes instrumentos e recursos para a coleta de dados. A análise etnográfica, a observação do fenômeno durante a investigação, as entrevistas estruturadas ou não, os questionários, os vídeos, as gravações em áudio, as fotografias e o exame de documentos foram alguns desses novos recursos. Além desses instrumentos, também têm sido usados, com muito sucesso, o registro em notas de campo (conforme Sanjek, 1990) e a técnica do diário. Por tudo o que foi dito, a metodologia qualitativa oferece novos recursos e instrumentos que poderão aprofundar os estudos do discurso. É sobre o diário e seu uso em pesquisa que pretendo me ater neste trabalho. Desejo discutir o diário como instrumento de pesquisa. Serão revistos inicialmente os trabalhos iniciais desse uso.

4. OS PRECURSORES DO USO DO DIÁRIO EM PESQUISAS

O uso dos diários em pesquisa lingüística não contemplou a Análise do Discurso em um primeiro momento. Os estudiosos em aquisição de linguagem foram os primeiros a descobrir o valor do diário para pesquisas longitudinais em linguagem. Crianças pequenas foram acompanhadas em seu desenvolvimento lingüístico desde a produção das primeiras palavras. Os pesquisadores que usaram diários para registro do desenvolvimento da linguagem das crianças, segundo Ingram (1992), faziam registros diários da produção e da incorporação de novas palavras ao inventário lexical dos pequenos aprendizes.

Os diários de fala, como foram chamados, podiam ser semanais, quinzenais ou até mesmo mensais. Não raro, os diários começavam com descrições diárias. Depois de algum tempo, passavam a registros semanais e por fim a mensais. Vale mencionar que todo o progresso com novas estruturas sintáticas, com alterações de pronúncia e com formações lingüísticas específicas eram registrados. Os comentários, as seqüências de fatos lingüísticos mostraram muitos ângulos desconhecidos dos estudos convencionais.

De modo geral, os pesquisadores que usaram diários em suas pesquisas eram lingüistas que acompanharam os seus filhos em seu desenvolvimento de fala. Os registros diários da fala infantil provaram ser ricos em informações sobre os processos desenvolvidos na linguagem humana. Essas pesquisas foram intituladas de pesquisas com diários. Constituíram preciosa fonte de informações para os estudos longitudinais que, por sua natureza, abarcavam frações de tempo mais longas. Os principais estudos dessa natureza foram os de Preyer (1889). Do mesmo modo, Vinson (1915) registrou comentários e interpretações da fala de crianças muito pequenas, tornando-se conhecidos como biografias do bebê. Esses trabalhos proveram os estudos da área de ricos fundamentos para a análise lingüística, tornando-se legítimas notas de campo. Na década de noventa, houve um salto na aplicação do diário em pesquisas com a linguagem.

5. O DIÁRIO COMO FERRAMENTA DE PESQUISA

A utilização do diário como instrumento de pesquisa, até recentemente, era pouco comum. Mas, tendo em vista o seu crescente uso, cada dia mais os pesquisadores valorizam esse novo agregado da análise lingüística. O registro em diário de eventos pesquisados tem auxiliado sobremaneira o pesquisador no entendimento do processo do conhecimento da linguagem. O uso do diário em pesquisa qualitativa permite o registro de eventos diversificados e sucessivos. Nas últimas décadas, vários pesquisadores usaram o gênero diário em suas pesquisas. Butler-wall (1979) é um exemplo significativo de uso de diário em pesquisa. Bailey (1990) e Machado (1998) usaram amplamente, em sala de aula, as pesquisas com diários.

O diário como recurso de pesquisa favorece o registro do fenômeno investigado com toda a variabilidade do objeto em diferentes momentos. Cabe salientar que o diário, dada a seqüencialidade do fenômeno descrito, permite obter o resumo e o comentário dos fatos. Desse modo, o diário torna-se um poderoso descritor e um auxiliar inestimável para o(a) pesquisador(a). Sob o enfoque da Análise de Discurso Crítica, o diário permite reflexões críticas expressivas. O produto de leitura e de releituras do material registrado no diário serve de sinalizador para o(a) pesquisador(a) que, muitas vezes, deve refazer percursos, aprofundar pontos da pesquisa ou até mesmo mudar a direção da investigação.

O diário tem sido considerado uma nova ferramenta de pesquisa em investigações qualitativas. Os registros em diários, aliados ao relato de narrativas, construídas com base em notas de campo e em depoimentos tomados de diferentes sujeitos, salientam características peculiares a cada um (classe social, profissão, valores, perspectivas, experiências de práticas de letramento, entre outros). O diário e a Etnografia Crítica mostraram-se auxiliares produtivos na coleta e na organização de dados de pesquisas qualitativas.

De acordo com Thomas (1993), a etnografia crítica deseja refletir, examinar a cultura, o conhecimento e a ação de um grupo com o propósito de estudar além dos grupos socialmente marginais. Os etnógrafos julgam que todos os membros de uma dada cultura, de algum modo, vivem uma experiência de repressão. A etnografia permite o exame de práticas discursivas de um dado grupo social, contribuindo para a construção da consciência crítica do(a) falante. Os etnógrafos críticos usam o trabalho para alcançar objetivos ou para negar influências repressivas que acarretam a dominação social desnecessária de todos os grupos. Tentam identificar e ilustrar os processos pelos quais as repressões ocorrem. Com base nesses pontos, sugerem fontes possíveis de resistência.

Assim, sob a égide da pesquisa qualitativa, a organização dos dados permite a redação de narrativas que retratem as práticas discursivas do grupo em estudo, sustentada por registros em diários, por depoimentos e por registros etnográficos. As narrativas, segundo Van Maanen (1988), devem ser realistas, pois assim impulsionam as etnografias para uma autenticidade das representações culturais. Findo o processo de organização

dos dados, o(a) pesquisador(a) poderá selecionar o *corpus* propriamente dito, podendo excluir dados que não sejam relevantes à análise ou ainda acrescentar novos elementos desde que o processo analítico requeira. Nessa hora é que a existência de um diário de pesquisa é de extrema valia. A releitura de fatos e de momentos significativos da pesquisa contribuirão efetivamente para a escolha final dos procedimentos analíticos.

Em pesquisa qualitativa, a coleta de dados será diversificada e propiciará interpretação mais ampla dos sujeitos pesquisados, permitindo que o estreito foco do fenômeno estudado seja ampliado e obrigue o(a) pesquisador(a) a abri-lo e a movê-lo para novas situações de pesquisa. É, nesse contexto, que o diário de pesquisa pode contribuir com o ajuste da direção a ser tomada, pois a natureza processual do diário permite a antevisão do objeto de pesquisa de forma totalizante. A aplicação do modelo de narrativa, sob o enfoque da Etnografia Crítica de Thomas (1993), também, em alguns casos, pode ser o ideal. Dar voz aos sujeitos, apontar escolhas e restrições da vida social é sugerido por Van Maanen (1988). Além disso, os dados devem ressaltar aspectos emancipatórios, como propõem Cameron *et al.* (1992). A seguir, apresentarei trechos de um diário de pesquisa em Análise do Discurso.

6. O DIÁRIO APLICADO A UMA PESQUISA

Diários têm sido usados em diferentes áreas do conhecimento com muito sucesso. Aqui, neste momento, quero abrir espaço para falar de uma experiência concreta com diários de pesquisa. Descobri a riqueza desse procedimento ao usar o diário de pesquisa em uma investigação intitulada *O Texto no Letramento de Adultos*. Paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa, o grupo escreveu um diário durante os anos de 1993, 1994 e 1995. Ele retratou o percurso do grupo diante das decisões e das escolhas a serem tomadas para alcançar os propósitos da investigação. Pela originalidade e por ser inestimável ao conhecimento do processo de pesquisa, o diário deverá ser publicado juntamente com os resultados da investigação.

Qualquer leitor(a), ao ler o relato da pesquisa adentrará em seu cotidiano, além de tomar contato com as dificuldades, dúvidas e escolhas metodológicas que o(a) pesquisador(a) teve de fazer ao longo do trabalho de investigação. A produção diarista nesse projeto foi empírica. Partiu do dia-a-dia da pesquisa. Ao mesmo tempo, porém, provocou reflexões. Favoreceu intensamente os aspectos dedutivos da investigação. Permitiu ao(à) pesquisador(a) estabelecer generalizações de cunho interpretativista. Tal procedimento contraria as pesquisas hipotético-dedutivas. Essas investigações permanecem em nível apenas hermenêutico. O empírico não é permitido. Por essa razão, a análise da linguagem deve ser examinada à luz de procedimentos qualitativos que permitem a visão do fato discursivo em sua totalidade. Daí o uso do diário em pesquisas qualitativas. Serão mostrados, a seguir, alguns retalhos desse diário, chamado carinhosamente pelo grupo de “Diário Paranoá”.

Diário Paranoá

Excerto 1

Três de Janeiro de 1993

No primeiro dia do nosso projeto, fomos ao Paranoá para conhecer o local e as pessoas com as quais vamos trabalhar. A recepção foi boa por parte de algumas pessoas – principalmente as mais velhas. As monitoras mostraram-se frias e pouco falaram sobre a nossa presença. Supomos que elas estavam com receio de que nossa pesquisa revelasse possíveis falhas de seu trabalho. Faltou luz durante o período em que estávamos apresentando o projeto. De certa forma, isso foi bom, pois assim pudemos verificar que os recursos práticos nem sempre vão estar disponíveis. Filmamos a nossa participação. A fala da Coordenadora do Cedep mostrou-se altamente politizada. A respeito do projeto disse: “Nós não queremos apenas servir de cobaia para pesquisas, queremos parceria e queremos retorno para a nossa comunidade.”

Excerto 2

Treze de Maio de 1994

Filmamos a turma da Sebastiana, turma de concluintes. Fizemos um total de onze entrevistas, o que significa que alcançamos o total desejado: trinta entrevistas. O nível da turma está muito bom, expressa-se bem. Colocaram explicitamente os motivos da procura pela alfabetização: ascensão social (procura de concursos públicos, preencher fichas para emprego), questões de ordem prática (usar os serviços bancários, viver melhor, escrever cartas, não serem lesados em seus direitos, leitura da Bíblia), pais que têm filhos em idade escolar sentem necessidade de também crescer culturalmente. Foram feitos muitos elogios à professora Sebastiana que, segundo os alunos, não é apenas uma professora, mas também uma amiga, preparando-os para a vida e esclarecendo-os acerca de seus direitos. Muitos dos alunos são nordestinos com idade entre 16 e 35 anos. Os alunos temem a violência (maior causa de desistência). Poucos alunos são legalmente casados.

Excerto 3

Quinze de Agosto de 1994

Durante o período final do mês de junho e início de julho, trabalhamos muito para terminar as transcrições gráficas das entrevistas. Continuamos no mesmo esquema: Elda e Veruska transcrevendo os dados. Essa foi a pior parte, esse é o trabalho braçal que requer muita paciência, tanto para transcrever quanto para digitar. Após o término dessa etapa, durante o período de férias, que se estendeu até a primeira quinzena de agosto, Veruska e eu trabalhamos na correção das transcrições, uma etapa que também requer muita atenção e minúcia. Elda não participou. Viajou para ver a sua filha.

Com os excertos de diário oferecidos, é impossível vislumbrar toda a pesquisa, mas eles permitem o entendimento do que seria o processo do diário em uma investigação. O grupo de pesquisa aqui aludido era composto por cinco alunos de graduação em Letras e de uma aluna da Pós-Graduação em Linguística. É relevante esse dado para saber que nem sempre foi o mesmo sujeito que escreveu o diário. Geralmente, o(a) aluno(a) diarista permanecia um mês com o diário depois ele(a) devia apresentá-lo ao grupo durante uma reunião de pesquisa. Esse detalhe fez com que o diário tivesse estilos diferentes. Alguns eram mais descritivistas, outros comentavam mais os eventos, outros ainda registraram muito bem as emoções do grupo (eram mais intimistas). De qualquer modo, o propósito inicial do diário era o registro dos

acontecimentos para que não perdêssemos o rumo e também para o registro das atividades em si mesmas.

Mas, graças ao diário escrito durante esse longo período de pesquisa, recuperamos, através de releituras, os padrões constantes de comportamentos tanto do grupo de pesquisa como do grupo pesquisado. De outro modo, seriam imperceptíveis as práticas desenvolvidas pelos dois grupos. Pelo registro em diário, temos a permissão, ainda que tardia, de refletirmos sobre os acontecimentos discursivos ocorridos durante a investigação. O diário oferece informações sobre como nos comportamos como pesquisadores e nos dá, sobretudo, a possibilidade de redefinir ações e práticas de pesquisa após uma reflexão crítica com os componentes dos grupos envolvidos.

7. USO DO DIÁRIO PARA A REFLEXÃO CRÍTICA

Outro fator a contribuir para o aumento do uso do diário é o crescente emprego de tal modalidade com fins reflexivos. O seu uso didático-pedagógico tem sido expandido consideravelmente tanto para desenvolver propostas de estudos com alunos como para incrementar trabalhos com professores, supervisores e outros atores do mundo do ensino. O(a) estudante, ao fazê-lo, concretiza um evento de aprendizagem. Ao penetrar no discurso do(a) aprendiz, o(a) professor(a) pode identificar etapas do processo de aprendizagem, as falhas e os pontos que necessitam de expansão. O diário revelará, certamente, os processos mentais mais profundos e, ao mesmo tempo, dará pistas para as intervenções dos professores.

Como exemplo de pesquisa reflexiva no ensino, temos a recente pesquisa de Fernanda Coelho Liberali (1999), apresentada em sua tese de doutorado: *O diário como ferramenta para a reflexão crítica*. Desenvolve uma pesquisa sobre o processo reflexivo presente nos diários de suas alunas. Esse estudo foi realizado com base nos dados tomados em um curso para coordenadores de escola e para professores com pretensão ao cargo oferecido pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão.

Os diários foram escritos em resposta às solicitações da pesquisadora, cujo intuito era levar as alunas a escreverem sobre as suas práticas de

coordenação. A pesquisadora escolheu vinte e três diários de cinco alunas para serem analisados. A pesquisadora, ao analisar os diários, procurou responder à macro-questão: Como a linguagem usada pelas coordenadoras na escrita dos diários mostra tipos de reflexão? A pesquisadora guiou-se pelas seguintes sub-questões para dirigir sua análise: 1) Que tipos de discurso são desenvolvidos nos diários? 2) Que etapas de seqüências são desenvolvidas? 3) Qual a relação entre as seqüências e os tipos de discurso encontrados e os tipos de reflexão? A diferença relevante que Liberali encontrou entre os diários foi com relação aos comentários feitos pela professora pesquisadora. Isso mostra a importância da intervenção do(a) professor(a) pesquisador(a) para alterar a rota dos escritos e dos comentários feitos pelas participantes do projeto. Essa pesquisa é apenas um exemplo do que pode ser feito com o diário em atividades de ensino. Ainda não foram esgotadas as suas possibilidades de aplicação ao ensino.

8. CONCLUSÃO

Ao término deste artigo, vale reafirmar mais uma vez que o diário, esse precioso instrumento de pesquisa, está apenas iniciando o seu percurso. Um amplo leque de possibilidades abre-se para novas utilizações. Em situações de investigação, em pesquisas qualitativas, o diário mostrou-se auxiliar prestimoso, pois, além de ferramenta, também age como uma fotografia de realidades processuais. Revela, por inteiro, a seqüência do processo de construção do objeto do conhecimento, permitindo o debruçar do pesquisador sobre novas realidades de pesquisa. O uso do diário em pesquisas qualifica-se especialmente para trabalhar as questões de discurso escrito. De igual modo, tem sido útil em situações de compreensão de processos educacionais. Não se esgotam aqui todas as possibilidades de uso do diário. Pode-se dizer, no entanto, que o diário se configura de fato como um instrumento que permite ao(à) pesquisador(a) a conscientização e a reflexão sobre os processos discursivos desencadeados durante a pesquisa. Outras tentativas, certamente, trarão mais luz à aplicação do diário à metodologia qualitativa de pesquisa e ao ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bailey, K. M. The use of diaries studies in teacher education program. In: J. C. Richards & D. Nunan (eds.). *Second language teacher education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- Benveniste, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- Barthes, R. *Délibération: sur le journal intime. Essais critiques IV: Le bruissement de la langue*. Paris: Seuil, 1979, p. 399-413.
- Butler-Wall, B. Diary studies. In: E. Arafa, C. Brown, B. Butler-wall & M. Early. Classroom observation and analysis. Unpublished manuscript, Applied Linguistics Ph. D. Program, University of California, Los Angeles, 1979.
- Cameron, D. et al. *Researching language: issues of power and method*. Londres e Nova York: Routledge, 1992.
- David, M. Conclusion. In: V. de Litto (ed.) *Le journal intime et ses formes littéraires*. Actes du colloque. Genebra-Paris: Droz, 1978, p. 295-98.
- Deen, J. A. Teacher`s diary study of an experiment. In: Project-based language learning. Unpublished manuscript. TESL Master`s Program, University of California, Los Angeles, 1987.
- Fairclough, N. *Critical discourse analysis*. Londres e Nova York: Longman, 1995.
- Ingram, D. *First language acquisition. Method description and explanation*. Cambridge University Press, 1992.
- Liberali, C. F. *O diário como ferramenta crítica*. São Paulo, PUC, tese de doutorado inédita, 1999.
- Machado, A. R. *O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento de escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Preyer, W. *The mind of the child*. Nova York: Appleton. Trad. da ed. alemã de 1882.
- Sanjek, R. (ed.) *Fieldnotes: the making of anthropology*. Nova York: Cornell University Press, 1990.
- Thomas, J. *Doing critical ethnography*. Newbury Park, Londres: Sage, 1993.
- Van Maanen, J. *Tales of the field: on writing ethnography*. The University of Chicago Press, 1988.
- Vinson, J. Observations sur le développement du langage chez l'enfant. *Revue Linguistique*, 49: 1-39, 1915.